



## Melancolia

Fernando Coutinho<sup>1</sup>

Influenciados, talvez, pelos desastrosos comentários de que “compreendia Hitler” proferidos por Lars Von Trier, o conhecido diretor dinamarquês, durante o último festival de Cannes, e que lhe valeram ser considerado “persona non grata” ao evento, os nossos críticos divergiram bastante em seus artigos ao se posicionarem na mídia sobre o filme *Melancolia*.

Não vou me deter no extraordinário impacto estético (visual e sonoro), nem tão pouco na magnífica interpretação dos atores nesses meus comentários.

Minha leitura irá no sentido da busca de pontos de convergência entre a metáfora que nos é proposta pelo cineasta, em mais esta produção seguindo as normas do movimento Dogma 95<sup>2</sup>, e o nosso mal-estar contemporâneo.

Acho que é válido tomar como eixo de orientação para a minha reflexão dois aforismos de Lacan que, segundo Jacques-Alain Miller, constituíram as bases sobre as quais o próprio Lacan pôde fazer previsões sobre o que seria a angústia do sujeito do final do século XX e o início do XXI.

Aforismos:

1\_ Não há relação sexual

2\_ Há Um

Filme:

Depois das cenas apocalípticas da abertura, nas quais os personagens principais são apresentados ao público, na primeira das suas duas partes, Justine (Kirsten Dunst) dirige-se com o seu noivo à festa do seu casamento.

Seguem numa limusine que é grande demais para percorrer as estreitas curvas da estradinha que conduz os nubentes à esplendorosa mansão do cunhado da noiva onde vai rolar a recepção oferecida ao novo casal.

---

<sup>1</sup> Psicanalista, membro da EBP e da AMP. Endereço eletrônico: [barros-fc@uol.com.br](mailto:barros-fc@uol.com.br)

<sup>2</sup> O **Dogma 95** é um movimento cinematográfico internacional lançado a partir de um manifesto publicado em 13 de março de 1995, na Dinamarca, pelos cineastas Thomas Vinterberg e Lars von Trier. Foi escrito para a criação de um cinema mais realista e menos comercial



Na hora dos *toasts*, ao tomarem a palavra, os pais da noiva (John Hurt e Charlotte Rampling), divorciados, fazem discursos cáusticos sobre a vida conjugal e a família, enquanto a bela e jovem Justine vai rasgando um a um os semblantes de uma vida feliz, próspera e realizada profissionalmente. Decididamente, essa heroína contemporânea não acredita em nada do que lhe foi contado sobre o amor, a fidelidade, o dinheiro, enfim, as conhecidas insígnias que encobrem o real da não existência da relação sexual.

Foi nesse ponto que não pude me impedir de pensar no Miller de Comandantuba, o Miller de “Uma fantasia”, citando outro aforismo lacaniano “o objeto *a* é colocado no zênite” da civilização dos nossos dias.

Também no filme, algo inquietante aparece no céu, causando surpresa ou inquietação nos convivas espalhados nos jardins da mansão. Um corpo celeste desconhecido, que até então estivera escondido atrás do brilho do sol, faz sua aparição.

Trazido para dentro do salão, devo dizer que não foi somente pela sucessão das imagens sacolejadas pelo movimento da câmera nervosa e instável de Manuel Alberto Claro, instruído pelos preceitos do Dogma 95, que fui tomado de náusea, mas pelo angustiante percurso da mordaz Justine, circulando em sua caretíssima festa. Não mais acreditando no Outro, fazendo pouco caso do Nome do Pai, com firme ironia, ela vai mostrando aos convivas que “não é tola”. Justine não é tola dos semblantes, sabe-se só (Um), sabe que o Outro não existe, sabe que não há relação sexual. Errante, vai do banquete ao quarto, da sala de banhos à biblioteca, sem encontrar nenhum apaziguamento, nem mesmo nos braços do amoroso marido.

Enquanto isso, Claire, a dedicada irmã, acreditando firmemente num Outro consistente, tenta salvar os seus semblantes, tenta salvar as aparências de felicidade a serem mostradas aos convidados do seu marido.

A segunda parte do filme é dedicada a ela.

Com dedicação fraterna, Claire tenta salvar Justine, que, abatida pela “sombra do objeto” do seu mundo, caíra em profunda apatia. Não tem forças para despertar-se, erguer-se do leito, fazer laços, ainda que tênues, com os seus semelhantes. Mas a irmã tenta trazê-la para a vida, despertar-lhe o apetite pela comida, pelos cuidados com o próprio corpo, pela sociedade familiar, enquanto ela mesma, apesar de suas rígidas defesas, está à beira do desespero, ameaçada por um real que tem a aparência de um planeta azul, nomeado pelos cientistas de Melancolia.

A morte ronda a todos.



O terror cresce, dia a dia.

Cada um dos protagonistas responde à iminência do horror com as defesas de que dispõem.

O cunhado acredita na ciência que garantira que Melancolia propiciaria aos humanos apenas o mais belo dos espetáculos jamais visto pelo homem.

Claire, apesar de sua crença no Outro, sabe que ele é furado. Acredita na palavra do marido, mas também nos artigos que lê na internet, que colocam em dúvida as certezas dele. Acredita também na farmacologia, num bom sonífero capaz de adormecê-la diante do real. Compra pílulas “capazes de fazer dormir a família inteira”, diz o marido, mas na hora H é ele quem vai tomá-las todas, quando sua fé inabalável nos cálculos dos cientistas desmorona, frente à Coisa que avança e que não engana. Mata-se, dorme eternamente por saber-se incapaz de enfrentar a própria morte.

Justine, aparentando frieza, sabe (ela não é tola) que nós estamos sós: “não há vida além da terra, estamos inteiramente sós no universo.”

Nessa fábula moderna há também uma criança, filho de Claire, que acredita no poder mágico da “tia quebra-aço”, que lhe prometera construir com gravetos uma caverna no interior da qual todos estariam a salvo na hora em que Melancolia se chocasse com a Terra. Sua saída é pela crença na magia ou na religião.

Ao sair do cinema, senti alívio em ser tolo, senti alívio em poder me servir do Outro, ainda que sabendo que ele não existe.